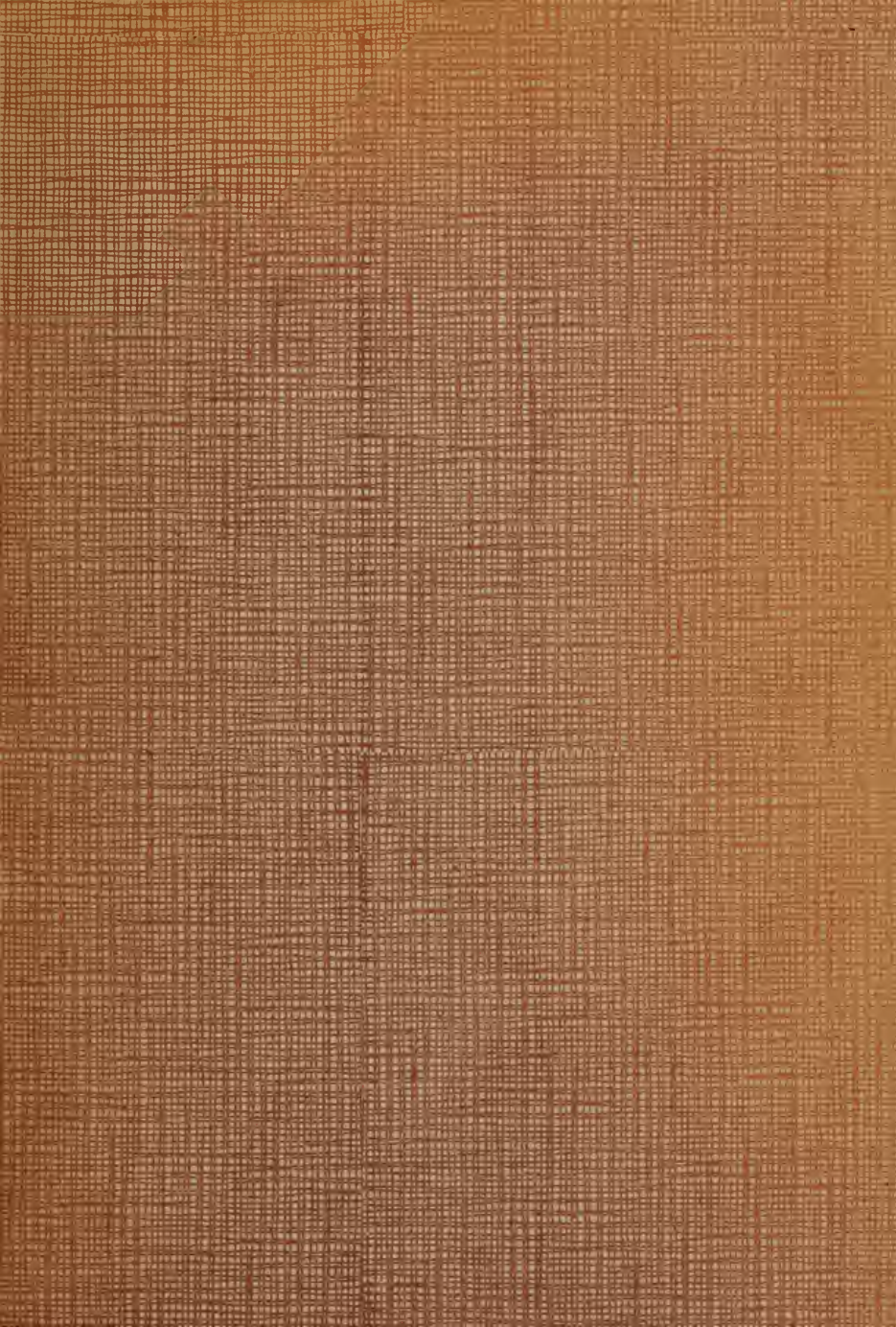




3 1761 07047008 3

CHRISTO

PQ
9261
P46
C35



CHRISTO NÃO VOLTA



Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

CHRISTO NÃO VOLTA

(Resposta ao «Voltareis, ó Christo?...» de Camillo Castello-Branco)

NARRATIVA

POR

ALBERTO PIMENTEL

Meus Deus, enviae segunda vez á terra o vosso divino Filho! Esta negridão gentilica é peor que a de ha dois mil annos. N'aquelle tempo esperava-se; nas entranhas sociaes estremecia o presentimento d'um regenerador... Hoje em dia, nada, nada, ó altissima Proydencia! Nada! Mas... voltareis, ó Christo?

CAMILLO CASTELLO-BRANCO.



LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

ERNESTO CHARDRON

EUGENIO CHARDRON

96, Largo dos Clerigos, 98 | 4, Largo de S. Francisco, 4-A

PORTO

BRAGA

1873.

PQ
9261
D46C35



~~~~~  
PORTO: TYP. DE MANOEL JOSÉ PEREIRA,  
Rua de Santa Thereza, n.º 4 e 6.

# CHRISTO NÃO VOLTA

Cartas enviadas ao «Primeiro de Janeiro»

---

## I

Castello de Paiva, junho de 1873.

MEU AMIGO.

Como tem navegado Douro acima e conhece bem as planicies e montanhas que a uma e outra margem se encontram, umas espraiando-se ao nivel da corrente, outras erguendo-se ameaçadoras e aridas para o ceo, não me dispenso de contar-lhe um caso triste e verdadeiro, porque o presenciei eu, se bem que mal pôssa ser chronista, porque estou ainda na commoção da surpresa.

Encontrei-o no Porto, e disse-lhe que tinha de partir para Castello de Paiva. Effectivamente parti no dia fixado. Não jornei por terra, o que seria incomparavelmente mais rapido, porque me julguei obrigado, a bem de meus proprios interesses, a acompanhar o barco carregado por minha conta. Larguei do caes da Ribeira, cerca

da meia noite, para aproveitar a maré até Pé de Moira. Obedeço a um pedido não declarando o dia. Cerca das onze horas da manhã estava em Pé de Moira, onde os marinheiros e arraes almoçaram, comendo uns peixes fritos na barraca de ramas de pinheiro, que o meu amigo conhece, e bebendo pela tradicional bilha de barro vermelho.

Ahi me prophetizou o arraes que o termo da viagem seria moroso, porque não havia vento e o barco ia muito carregado.

Resignei-me.

Armou-se um tolde com a vela, accendi o meu cachimbo, bebi tambem, e comecei a lêr os jornaes que trazia no bolso, disposto a viver sobre agua o tempo que fosse preciso.

Oh! enfadonha coisa este ante-diluviano processo de locomoção! Digo ante-diluviano em rasão de Noé se ter salvo embarcado no dia da grande submersão da terra.

Li os jornaes de fio a pavio, como se diz não sei se em bom portuguez, reli-os, decorei-os. Cheguei a devorar os annuncios com uma soffreguidão de cannibal. Enguli e digiri todos os *barateiros* e todos os *precisa-se*. Compreendi então o que ha de profundamente triste em *precisar*; eu tambem precisava de chegar a casa o mais breve possivel e todavia a terra firme estava para mim como a agua para Tantaló. Vi-a; e tudo se ficava em vèl-a.

Foi-me anoitecendo ainda a grande distancia de casa. Custou-me a transigir com a necessidade de passar segunda noite no rio. Que me importava a mim o luar, a ardentia das aguas, as vaporações embalsamadas da natureza? Não sou poeta; já tive um pouco d'isso, é verdade,

mas o que mais ambicionado presentemente é dormir na minha cama, comer á minha mesa, e calçar as minhas botas.

Finalmente não havia remedio senão conformar-me ás circumstancias; o homem nasceu para juguete; fui pois o que tem sido e ha de ser perpetuamente o meu semelhante.

Cerrou-se-nos inteiramente a noite ao sopé das Victo-reiras. O arraes deu voz de lançar ferro; os marinheiros iam cansados de tirar o barco á sirga e logo saltaram em terra para queimar sobre gravetos o seu bacalhau. Puxei do meu taleigo e comi uma fatia de presunto de fiambre e outra fatia de queijo.

Depois que gregos e troyanos se banquetearam com o frugal repasto, tractou-se de acamar e dormir.

Os marinheiros acobertaram-se com as mantas e romperam, tarauteando pelos narizes, em hymnos a Morpheu. Eu é que não nasci pagão; fui remisso em render culto á tetrica divindade mythologica. Mexi-me, remexi-me, rebuli-me e por mais d'uma vez accendi o meu rolinho de viagem para dar batalha a pulgas, persevejos e demais bicharia, que passava dos marinheiros para mim e de mim para os marinheiros.

Cerca das onze horas da noite pareceu-me ouvir de repente o baque de um corpo em terra, mas um segundo depois não pude duvidar ao ouvir um grito surdo como o de quem cahia contra o solo. Chamei afflictivamente os marinheiros, que despertaram roncando interrogações.

— Que foi? Que é? perguntaram elles.

— Ahi fóra cahiu gente!

— Quem havia de cahir, senhor!

— Ouvi distinctamente a queda, e um grito depois.

— Um grito!

— Posso afirmar; ouvi gritar com toda a certeza.

Instiguei-os, pedi-lhes instantemente que me acompanhassem. Elles accenderam o seu lampeõesinho e seguiram-me. Fomos marinhandos pelas fragas á procura d'agullha em palheiro. Os marinheiros começavam a rir alvarmente e a dizer que eu era dado a medo de bruxas. De repente pareceu-me porém ouvir gemer. Intimei silencio. Os marinheiros trocaram entre si um olhar ironico, que para logo se volveu credulo, porque distinctamente ouviram um gemido.

— E' alma perdida! disse um com voz tremula.

— E' naturalmente corpo perdido, objectei eu. Calem-se. Vamos a vêr se nos orientamos.

Apoz um longo intervallo, ouvimos gemer de novo, se bem que mais debilmente. Podemos orientar-nos. Eu marinhaei á frente dos homens, arrancando da mão d'um a lanterna. A pequena distancia pareceu-me vêr um vulto estendido no chão. Baixei o lampeão e reconheci um corpo de mulher. Os marinheiros estavam attonitos e como que receiosos d'approximar-se. Fui eu quem, poisando o lampeão, levantou o corpo. E — surpresa extraordinaria! — vi uma bonita mulher, se bem que mortalmente pallida, nova, franzina, com o rosto ferido, ensanguentado. Estaria viva ou morta? Não sabiamos. A verdade é que estava fria como cadaver. Os marinheiros, capacitados de que não era bruxa, ajudaram-me a transportal-a ao barco. Deitamol-a, aspergimol-a, lavamos-lhe os ferimentos e nem tempo tivemos — eu pelo menos — para pensar no extraordinario do acontecimento. Hoje é que eu, ainda que mal, reflexiono e me confirmo que não ha romance que seja absurdo.

## II

A formosa desconhecida continuava a estar immovel e fria, apesar dos cuidados que lhe prodigalisamos e que, attentas as nossas circumstancias, não podiam ser completos.

Sabe que eu não sou piegas nem romantico, — o que significa o mesmo, porque o romantecismo é a pieguice do espirito — mas confesso-lhe francamente que me horrorisaram a solidão, a escuridade, a massa negra das aguas e a massa negra das serras, o desamparo do homem entre a agua que é fria e a rocha que é dura, entre ambas que são mudas e surdas, — finalmente, o desagasalho, a impossibilidade de encontrar soccorro!

Como o Douro me pareceu differente d'aquelle extenso e caudaloso rio nosso conhecido, meu e seu, quasi sempre placido, povoado de barcos, animado de cantares, marginado de casinhas e campanarios que de longe a longe

se penduram das fragas, n'uma palavra, accidentado de tons variados e por mais d'uma vez festivos!

Ordinariamente, quando se viaja, tem-se saude. Vem a gente a lér no barco, a fumar, a conversar os marinheiros, a incital-os a que caitem ao desafio, a comer a sua canja e a beber a sua pinga!

Nada nos apavora então! Quando o barco passa por baixo das Victoreiras, e se vê lá no alto, ameaçando eternamente despegar-se, aquella enorme avalanche negra, informe, nem sequer lembra que os fragedos, que se encastellaram um dia, por uma evolução da natureza, podem rolar e precipitar-se alguma hora, por outra evolução imprevista. Contenta-se a gente com ouvir da bocca dos marinheiros uma tradição do sitio.

—Alli, dizem elles, é que os homens trahidos trazem as mulheres a despenhar-se.

Elles não dizem isto por estas palavras, mas digo eu. E a gente facilmente acredita que haja homens que se dêem ainda o incommodo de jornadaear por algumas horas para despenhar as mulheres adúlteras, que já estão despenhadas, e que haja mulheres, que depois de conhecerem o vicio, tenham a virtude de se deixar morrer!

A viagem pelo Douro, de dia, em boa disposição d'espirito e corpo, tem alguma coisa de idyllio, d'Arcadia, de creendice, coisas impossiveis de encontrar hoje em qualquer outra parte. É uma especie de Pantana, onde o carneiro assado parece saltar-nos aos dentes, e a borracha trepar-nos aos beiços, e onde a gente, olhando para as mãos, encontra cinco facas e cinco garfos! Onde é hoje que se póde encontrar a realidade d'este ideal de Pantana, a não ser n'uma viagem pelo Douro? Quem é hoje que come com



a mão, desde que o Monteverde publicou o *Manual encyclopedico*, e nos exames do lyceu se ensina a dar ao queixo, quer dizer, a comer com as mandibulas?

Mas como o quadro muda de noite, santo Deus! quando terra, ceo e agua são escuros, e está ao pé de nós um corpo frio, immovel, quando o nosso espirito pergunta a si mesmo, para resolver um mysterio, se aquella mulher, formosa e inanimada, gentil e desconhecida, será morta ou viva!

E não haver um sal que se lhe dê a respirar! um espelho para lhe receber o halito, se ainda o tem! uma voz que nos anime! um espirito que comprehenda a nossa tribulação! porque os marinheiros do Douro são os puros cadeirinhas do rio! Fazem tudo mechanicamente; teem força: puxam por ella. Perdão, pelo que elles puxam é por nós, pelo barco, e por elles mesmos. Podiam ter nascido bois, e nasceram homens. Tambem os cadeirinhas podiam ter nascido burros de carga e nasceram gallegos. Que a natureza emendasse a mão em qualquer feitura humana, comprehende-se, porque tambem aquelle artista, que estava a fazer o demonio calcado pelo archanjo, mudou de tenção, por quebrar os chifres ao demonio, e aproveitou a esculptura para fazer um santo-deitado.

O que é certo é que a natureza humana, tirante os marinheiros de riba-Doiro e os cidadãos de riba-Minho, é tão nobre, tão dedicada,—e perdoe-se-me a vaidade de a estudar em mim mesmo—que logo me esqueci da urgencia de abreviar a viagem. de descarregar em Castello de Paiva os meus generos, e concentrei todas as minhas at-tenções n'aquella mulher que não conhecia, que vagueava a deshoras por uma serra, com risco de rolar ao Douro,

sósinha com a sua ideia, que era provavelmente uma grande dôr.

Permitta-me—entre parenthesis—que chame á *dôr* moral uma ideia e não um sentimento. Isto é philosophia minha. Quando se acorda pela manhã, e se *lembra* a gente do soffrimento da vespera, é que continua a *sentir* o que na vespera sentiu. E que tal! approva? Eu quando fui d'uma vez ao Porto, acompanhar o meu patricio Barros que ia fazer concurso para uma cadeira de philosophia n'um lyceu do sul, e ouvi argumentar um tal Albuquerque d'oculos verdes, adquirir a convicção de que tambem podia ser philosopho, mais pelo que ouvi ao Albuquerque do que pelo que ouvi ao Barros.

A verdade é, meu amigo, que a nossa alma verga ao perigo como o aço ao joelho.

Pozessem no meu barco um farrabraz, um mata-mouros, um espadachim, ao pé d'aquella mulher, e ainda que esse stentor não tivesse esposa, nem filha, nem—ó prodigio!—tivesse mãe, elle sentiria o que eu senti, a abnegação das situações anormaes, a ancia de valer a quem está carecido de soccorro, a necessidade de saber se aquella mulher estava morta ou viva!

Cobri-a com todas as mantas que havia no barco, as dos marinheiros e as minhas, a vêr se provocava a reacção; lembrei-me de que tinha aguardente comigo, friccionei-lhe os braços e os pés, e, ao agasalhal-a, ao conchegar-lhe a roupa, senti que tinha no bolso papeis.

Bem podia ser que alli estivesse a chave do enigma.

### III

Com quanto eu seja um pouco preguiçoso em escrever, e ainda hontem lhe tenha enviado a segunda carta sobre o extraordinario caso das Victoreiras, não posso resistir á tentação de voltar hoje ao assumpto para lhe communicar que por carta recebida agora do correio do Porto fui ameaçado de não sei que medonhos perigos no caso de proseguir na verídica historia da morta ou viva.

Em nenhum acto da minha vida blasono de valente, mas tambem não é meu costume recuar por cobarde. Continuarei pois a narrativa encetada, em proveito da humanidade, porque, repetindo o que dizia na primeira carta, é uma tremenda lição. E depois que ideia se fará no Porto da policia de Castello de Paiva? Julgarão isto sertão de feras, serra deserta, região ignorada? Eu não sei. O que posso afirmar é que a tenebrosa carta nem me cheirou a

certidão d'obito, nem estou em terra onde a supradita carta, dado que eu fosse simplesmente poltrão, pudesse converter-se em realidade impunemente.

Não, meu amigo, eu protesto contra todas as mordanças açaimadoras de escandalos. Isto assim não pôde ser, —que triumphe sempre o forte e soffra sempre o fraco. Bem sei que é costume recatar os escandalos e, quando muito, publical-os desfigurados. Mas—erro imperdoavel! —o escandalo é muitas vezes a lição e algumas vezes pôde ser a cura. E' preciso que se espalhe, que se discuta, que se commente, com vagar, como eu estou fazendo, para que a precipitação não cegue o entendimento.

Este caso da morta ou viva tem surprehendido muita gente, mesmo em Castello de Paiva. Era eu a unica pessoa que estava na confidencia d'elle, porque fui a unica testemunha occular. A principio julgei dever guardar segredo. Ao cabo, porém, de muitas noites de insomnia, resolvi dar-lhe publicidade. Sabido apenas por mim, não aproveitaria a ninguem; divulgado, algum proveito poderá levar á sociedade.

Ha que tempos se anda abi a fallar da emancipação da mulher! Mentira, hypocrisia, infamia!

A sociedade lança mão da these-emancipação para mais escravisar a mulher, como os governos costumam exhibir o rotulo *melhoramentos materiaes* quando tentam vexar os povos com novos tributos.

Querem estes philosophos de má morte emendar a natureza. A mulher não nasceu para *senhora* nem para *escrava*; a mulher é companheira. Como esta palavra está a dizer, ella deve compartir connosco alegrias e dores, risos e lagrimas, flores e espinhos. Fallar-lhe em emancipa-

ção é suppor que havemos sido despotas ao ponto de lhe roubarmos a liberdade relativa que lhe devíamos ter dado, e que lhe queremos restituir; é proclamar a nossa propria vileza; é arrogar-nos fatuamente a importancia de libertadores do genero humano. Escravisal-a é aviltar nossos filhos até á condição de filhos d'escrava e julgarmo-nos nós mesmos nas circumstancias de nossos filhos.

Não ha emancipação nem escravidão: o que deve haver simplesmente é sociedade conjugal.

Portanto eu, philosopho montanhez, estarei sempre na brecha para atacar qualquer das duas falsidades, qualquer dos dois extremos, que são viciosos, estando pois a virtude mais uma vez no meio-termo.

Estas cartas são um brado ardente contra o aviltamento da mulher, cuja honra se quer sujeitar a um capricho, esquecendo-nos de que deshonrando-a a ella nos deshonramos a nós mesmos. Não façamos da mulher a guitarra com que nos recreamos durante uma serenata e que ao romper do dia, ebrios de mau vinho e mau prazer, atiramos pela janella fóra. Quem a recolherá depois de a vêr no monturo? O trapeiro, apenas. E todavia a guitarra era mimosa, quando suspirava ao luar; tinha uma voz doce e melodiosa que despertava vagos pensamentos na alma; podia ainda murmurar cadencias se continuasse a ser dedicada por mãos delicadas. Mas nós, que a principio mal poisavamos os dedos nas cordas, que a julgavamos intermedio entre a nossa alma e a natureza, porque era ella, a guitarra, que estava fallando por nós e respondendo pela natureza, deixamos por ultimo cahir em cheio a mão sobre o fragil instrumento e fizemos estalar uma corda, que precedeu o estalar de todas as outras.

Pois a corda que estalou chamava-se—honra; depois d'ella estalaram todas as outras, que se podem chamar—pundonor, brio, fé. A mulher, quando chega a este destino da guitarra, já não tem pundonor, porque não se peja de haver cahido; não tem brio, porque não pensa em rehabilitar-se; não tem fé, porque já não acredita na propria reabilitação nem na reabilitação das outras.

Vai, como a guitarra partida, para o muladar do tra-peiro ou para a loja do adello.

Ou morre ou se vende.

Não, philosophos da philosophia de Mahomet, que sustentaes o *crê ou morres*, não, em nome de nossas mães, de nossas irmãs, de nossas esposas, de nossas filhas, havemos, nós, os que temos dignidade e coração, de quebrar aos vossos pés essas duas laminas d'aço cortante que limitam o vosso perfido dilemma. E como o havemos de fazer? Desvendando a mulher, avisando-a, apontando-lhe o exemplo.

Meu amigo,—perdoe-me esta dissertação que era precisa, depois de lhe haver annuciado a recepção d'uma carta ameaçadora, e previna os seus leitores de que eu d'aqui em diante entrarei directamente no assumpto.

#### IV

Quer que lhe explique o meu demorado silencio?

Dias depois de publicada a terceira carta, recebo pelo correio outra de letra desconhecida.

Abro e leio:

«Ill.<sup>mo</sup> snr:

«Vejo que é um homem esforçado e brioso, para quem todas as ameaças são nullas. Perdoe-me o havel-o comprehendido mal, tomando-o como pusillanime. Lance tudo á conta do meu desespero de me vêr justamente accusado em muitos relanços das suas cartas, e falsamente incriminado n'outros. Foi uma infamia, que a sua magnanimidade perdoará, e que o meu arrependimento redimirá. Peço-lhe porém—se alguma confiança lhe mereço ainda depois de perdoado—que me ouça, antes de continuar as suas cartas, para que, melhor informado, possa conhecer as particularidades da veridica narrativa. Um inconveniente obsta

porém á minha ida a Castello de Paiva: é o ser uma terra muito pequena e agular em a curiosidade do publico ocioso com a minha presença ali, depois da publicação das suas cartas.

«N'esta conjunctura não será grosseira impertinencia pedir-lhe um sacrificio por amor da imparcialidade com que quer ser juiz na minha causa? Pois bem, ao magistrado que me tem de julgar perante a opinião publica, e que deve esentar com igual benevolencia reu e queixoso, exoro, supplico vivamente que se digne marcar sitio onde me possa dar audiencia para ouvir da minha justiça.

«Não receie ciladas. Se não fosse realmente um homem corajoso, lembrar-lhe-ia que prevenisse a authoridade da hora e local da entrevista.»

Respondi immediatamente:

«Ill.<sup>mo</sup> snr:

«Tenho de ir a Penafiel depois d'amanhã. Portanto, se não quer ser visto, espere-me ás onze horas da noite na capella de S. Roque.

«Não receie ciladas. Deixemos a authoridade em paz.»

Fui.

Effectivamente pude orientar-me melhor nos episodios que precederam o caso das Victoreiras, o que de nenhum modo quer dizer que eu modificasse absolutamente o meu primeiro juizo.

Ainda assim cumpre-me restabelecer a verdade dos factos.

Da parte *d'elle* não houve a minima culpa no incidente d'aquella noite. Foi sim um grave erro da sua parte, o erro de ceder á loucura d'um momento, que deu logar a esse acto de desespero da formosa desconhecida.



Elle, porém, não estava avisado da fuga, como pude verificar pelo confronto dos depoimentos d'ambos.

O que é certo é que o vi chorar...

Nunca o seu coração está tão endurecido que não tenha a sensibilidade que refrigera com lagrimas as dôres íntimas.

Todavia aguardemos o desfecho dos acontecimentos, esperando, como o dr. Pangloss, que tudo seja pelo melhor no melhor dos mundos.

Isto até aqui, meu amigo, foi para si.

D'aqui em diante vae proseguir a narrativa, reatando-se no ponto em que ficara, como se não se houvera dado este episodio que acabo de referir, e que todavia me permittirá ser mais explicito.

Senti, disse eu na segunda carta, que a desconhecida tinha no bolso papeis.

Só allí podia estar a chave do que para mim era enigma.

Mas, ao mesmo passo, um escrupulosito: Ser-me-ia permittido lêr essa correspondencia?

E logo a contrapôr-se ao escrupulosito uma reflexão: Não a traria ella comsigo, prevendo que as suas debilitadas forças lhe faltariam no caminho, para esclarecimento de quem quer que a encontrasse morta ou viva?

Resolvi lêr os papeis.

Eram um maço de cartas, atadas com torçal vermelho.

A' primeira vista, fiquei perplexo.

Reparando melhor, dei tino de haver entalado, entre o torçal e o rolo, um bilhete.

Esse devia ser o esclarecimento desejado.

Era, em verdade.

Dizia simplesmente isto:

«Chamo-me F., da casa de... vou para..., fugida á justa punição de meu pai e apenas confiada na protecção do pai de meu filho, que deve nascer se a morte não surprehender a mãe n'esta ousada resolução.

«Tu, que me lêres, perdoa-me.

«Se és pai, põe todos os teus cuidados na guarda de tuas filhas: se és mulher, e estás descida a iguaes abysmos, vê no espelho da minha desgraça a profundeza do teu erro.»

Tinha-se feito a luz.

Aquella mulher era filha d'um homem respeitabilissimo que ha muitos annos se soterrara n'umas serras do Douro depois de haver percorrido o mundo, semeando dinheiro e anedotas, batendo os melhores cavallos, baloiçando-se nos melhores tilburys, jogando, bebendo, reptando, apostando nas corridas, atirando aos pombos, pompeando nas aguas de Spa, debruçando-se n'um camarote da Grande Opera, merecendo referencias a Julio Janin, enchendo o mundo, o folhetim, o romance e até o theatro.

Ha quem diga que o nosso conhecido *Antony*, transportado do lar deshonorado para a scena igualmente deshonrada, fôra apenas uma copia desenhada pelo *crayon* ultra-romantico de Alexandre Dumas n'uma hora mais ultra-romantica que o proprio *crayon*.

Finalmente, ao recolher d'uma das viagens ao estrangeiro, casou com uma senhora da primeira sociedade lisbonense. Quasi o surpreendeu o ser amado.

Não conhecia o amor senão da capa dos livros e dos *vaudevilles*. O casamento era para elle apenas uma comedia que vira em França e na qual homem e mulher se davam excellencia e cumprimentavam ao jantar. Pensava pouco mais ou menos em observar o regimen matrimonial da comedia, mas completamente se enganou, porque, sentindo-se amado, começou de encontrar no amor thesouros que lhe eram desconhecidos desde a mocidade. Atravessara o mundo, sem atravessar a familia: não conhecia o amor, porque só na familia o ha. A alegria das festas, fóra do lar, irradia como a espuma do *champagne* á luz de candelabros, mas entorna-se e dissipa-se como ella.

Suppunha elle haver-se apaixonado uma vez, aos vinte

annos. A 2 de abril de 1829, fazendo a primeira viagem a Pariz, ouvira cantar a Malibran, que era então a rainha da opera, n'um concerto matutino dado na rua Taitbout, em favor dos orphãos adoptados pela «Sociedade de moral christã.» Ficara doído, embriagado, e logo obteve uma apresentação á cantora, que o recebeu ao *dessert*.

Nessa mesma noite cantava a Malibran o papel de Desdemona no theatro dos Buffos. O theatro trasbordava de espectadores; a receita do espectaculo subiu ao algarismo de 18,000 francos.

Não obstante ser immensa a multidão, a cantora pareceu enxergal-o e distinguil-o com um sorriso,—d'estes sorrisos que as mulheres de theatro espalham como bilhetes de beneficio...

Isto acabou de enlouquecel-o. Todo o theatro tinha visto: a Malibran sorrira-lhe!

Nesse mesmo anno foi a cantora a Londres. Acompanhou-a, seguindo por toda a parte o rastro de gloria que ella abria ao passar por entre a admiração britannica.

Em janeiro de 1830, estavam ambos em Pariz: ella e elle.

Foi n'esse mez e anno que Pariz a ouviu cantar o segundo acto do *Matrimonio segretto*, com as duas maiores notabilidades cantantes da epocha.—a Sontag e a Damoreau-Cinti.

A vida do nosso *touriste* foi, durante o tempo que seguiu a Malibran, uma serie de viagens, — as mesmas que ella fazia,—de ceias, de *pic-nics*, de prazeres, que acabavam sempre ao amanhecer, porque os falsos sorrisos desmascarar-se-iam á luz da manhã, e, digamol-o tambem, foi um inferno de ciúme.

Elle tinha tamanha emulação de quem lhe dava a ella um broche, como de quem lhe dava simplesmente um *bravo*. Isto, meu amigo, acho eu desarrasoado; mas diga-me se não tenho razão, visto que vive em terra onde ha theatros.

Ora o nosso heroe, que, para maior facilidade, chamaremos X, julgava-se perdidamente amado, e perdidamente namorado.

Duplo erro!

O que lhe sustentava essa rosada illusão eram as flores, as luzes, os crystaes, as ovações, as perolas e os sorrisos da Malibran, o publico, as ceias, os bailes, toda essa vida exteriormente seductora, apenas architectada sobre este pedaço de vidro, que no mundo se chama a *gloria*.

Mas — desapontamento horrivel! — o pedacinho de vidro quebrou, cessaram as scintillações prismaticas, e o castello encantado desabou.

Foi n'esse mesmo anno de 1830 que a Malibran atou com o celebre violinista Beriot as intimas relações que os tornaram inseparaveis.

Foi n'uma ceia que elle soube a fatal noticia por intencional chocarrice de um conviva.

Esteve para erguer-se e reptar Beriot, mas Beriot era um homem serio, e não o havia offendido.

Desistiu.

Amou, corou, empallideceu, começou a tornar-se ridiculo.

Malibran, que fez reparo no despeito do seu admirador, levantou-se e apresentou-lhe a Lablanche, que estava á mesa.

Coruscou no cerebro de X a ideia da vingança. Come-

çou a galantear a Lablanche, a ponto de que em 1832 percorreram todos a Italia: Malibran, Lablanche, Beriot e X.

Já viu o meu amigo, mais doida mocidade, mais desbaratada vida, e ao mesmo passo tamanha nudez d'alma ainda mesmo na epocha em que o corpo se envolve na ampla capa de D. Juan?

Um beneficio recebeu porém d'esse divagar pelos prazeres ruidosos. Saturou-se do mundo. Felizmente, a sua vinda a Lisboa facilitou-lhe o unico meio de conhecer a unica coisa que desconhecia,—a familia. Entrou no lar pela porta do casamento quando pela janella sahia a extravagancia ainda desgrenhada das ceias e de charuto na bocca.

A proposito de charuto, meu amigo: dê-me tempo de fumar um.

## VI

Continuemos a fallar do pai da nossa gentil desconhecida.

Acabei o charuto: podemos conversar por um pouco.

O amor completou a regeneração que a experiencia do mundo principiara.

Casou.

No coração da esposa encontrou thesouros de raras virtudes. Alvoreceu-lhe em torno uma aurora de tão doce luz, que pela sua mesma suavidade desbancava as scintillações crystallinas das ceias, e os clarões que illuminavam em scena a figura da Malibran.

Toda a gente o presumia ainda rico: a verdade era que a realidade não correspondia á opinião publica.

Havia gastado como um principe russo. A capa de D. Juan não tem bolso, de modo que emquanto as mãos tangem o bandolim da aventura vai o dinheiro cahindo no chão.

Casado, encarou com mais gravidade no seu futuro, e achou que não podia aguentar-se nas pompas de Lisboa.

O casamento tem quasi sempre isso de bom: desperta a consciencia adormecida pela crápula.

Pedi informações aos feitores, e as informações confirmaram a suspeita.

Chamou á puridade a esposa e disse-lhe:

— Perdoa-me, anjo, se te vou magoar com a minha primeira confidencia, mas devo-te a verdade toda. Eu não sou tão rico como geralmente se suppõe. Gastei muito, quasi esbanjei na sociedade o patrimonio da familia. Quero porém que tu vivas feliz, e para attingir a tua felicidade apenas encontro abertos dois caminhos: ou o trabalho honesto ou a tranquillidade solidão. Se desejas viver no estrangeiro, poderei obter uma embaixada; mas se preferes viver no meu e teu paiz, temos que recolher-nos á provincia, e viver na doce tranquillidade que o mundo da capital não conhece. Só te peço que sejas franca. Decide, e a tua vontade será lei.

A resposta foi esta:

— Partiremos amanhã para o teu solar. A felicidade está onde a gente a tem; tel-a-hemos lá. A vida no estrangeiro seria a prolongação da tua mocidade; ora eu tenho direitos incontestaveis ao teu coração. Quero-o, pois. E onde melhor o possuirei do que na solidão do lar, onde, fechada a porta, seremos nós os unicos habitantes do nosso mundosinho de felicidade? Vamos lá, meu amigo. Nem sabes como me sinto alegre! Quanto mais te distanciares do passado, menos ciumes terei d'elle. Vamos lá.

Foram.

O solar, construcção coeva dos primeiros tempos da



monarchia, era mais acervo de ruínas que palácio de nobres. As pedras haviam-se desconjunctado, e a hera marin hava pelas fendas até ensombrar as janellas. Nos longos corredores havia a escuridão sinistra dos carcerees. As salas, denegridas pelo tempo, eram d'uma vastidão que punha medo. A mobilia, tão deteriorada como o edificio, tinha o aspecto funebre de phantasmas que á meia noite se fossem sentar encostados ás lousas do cemiterio. Os grandes contadores de pau preto negrejavam a pequenos intervallos como ossadas de gigantes carbonisadas em forja de cyclopes. Por entre a escuridão e o silencio da casa algum pipillar d'andorinhas, que penduraram o ninho entre as ruínas. Tambem ás vezes no cemiterio, no meio da concava sombra dos chorões, assim chilriam uns passari-nhos que fogem quando presentem gente, porque estão habituados ao socego das campas.

As sombras da casaria deserta apavoráram a noiva de X. Uma noite uma coruja fôra piar a uma das janellas do solar. A pobre senhora estremeceu e chorou.

Acudiu o marido a abraçal-a meigamente.

— Tinha sido melhor, disse elle, optarmos pelo estrangeiro. Isto aqui é triste. Ainda se as andorinhas se não calassem de noite...

— São os nossos unicos amigos, respondeu a dama. Se esta casa não é completamente sepulcro, a ellas o devemos. Mas, meu amigo, as andorinhas me bastam para conforto. Eu chorei porque estava triste; não foi que tivesse medo. Não te inquietes...

— Não, anjo, não. E' preciso sahirmos d'aquí...

— Para o estrangeiro não, não?

— Socega, filha. Pois que estes montes te amedrontam

menos que estas paredes, e que te resignas ao sacrificio, ficaremos. Limitar-nos-hemos a mudar de casa. Amanhã tractarei de ajustar a edificação d'um predio que tenha em concheço o que aqui perdemos em vastidão. Bem vês que mais nos aproximaremos ainda. Eu quero ouvir a tua voz a todo o instante. E depois, como sabes, o berço das creanças costuma ser pequenino, e tu vais ser mãe. A nossa nova casa será pois o berço de nosso filho. Escolho o laranjal. O vento que passar agitando as folhas embalará o berço... Queres?

— Se quero!

## VII

Construída a casa ao centro do laranjal, entrava a felicidade pelas janellas com os murmurios e os olôres de fóra.

Ficara deserto o solar na eminencia em que assentava. Negrejava como o cavername de navio naufragado sobre rochas. Eram as ruinas do passado, os escombros do feudalismo que dormiam o seu somno de seculos; o *cottage* do laranjal era alegre como a liberdade estensiva a nobres e plebeus:—aos nobres, porque já lhes não pesava a tarefa de mandar; aos plebeus, porque já não eram servos de gleba.

As corujas invadiram as ruinas em competencia com as trepadeiras que bracejaram desaffogadamente, e as pavidas visões da esposa de X ficaram lá sepultadas para nunca mais a perturbarem enquanto costurava o enxovalzinho da creança que ia nascer.

O fidalgo pasmava do poder regenerador da familia, que lhe tinha raspado da alma a ultima lepra da extravagancia. Não via mais mundo do que aquelle. Andava a toda a hora a olhar pára o berço vasio, ancioso de vêr sobre o travesseiro o relevo d'uma cabeça pequenina. Não faltava já o lençol de rendas nem a coberta de damasco: o que faltava era a creança. Pozessem alli dentro uma alma, e a felicidade ficaria completa.

Chegou finalmente o dia de se realizar o venturoso sonho. Desdobrou-se a cobertasinha adamacada, acamaram-se as rendas para não maguar o corpinho delicado, e ali dormiu a creança o primeiro somno velada pelo pai que nem ousava beijal-a para não a maguar.

Aos cinco annos a creança tinha já um portesinho senhoril que era de namorar os olhos. Muito redondo o vestidinho; os cabellos annelados e auri-luzentes; o pequenino corpo escondido na fita que lhe servia de cinto.

E chilreava, e esvoaçava, como se tivesse a casa por gaiola.

A' medida que a pequerrucha ia crescendo, crescia com ella o amor paternal. Sorriam de a vêr sorrir, e choravam de a vêr chorar.

O grande receio era de que morresse.

Esta é a loucura de todos os pais.

Querem roubar á tyrannia da morte uma vida que lhes não pertence. Esquecem-se de si mesmos para se absorverem n'uma existencia que não lhes é essencial, mas complementar.

Não a ednquem á revelia, deixando-a entregue aos instinctos bons e maus que nascem com ella. Visto que o filho é o complemento dos pais, completem-se pelo filho.

Adaptem-n'o, quanto possivel, á sua maneira de pensar e sentir; façam d'elle a coda da santa melodia chamada familia. Não se riam de que a creança faça aquillo que elles nunca fizeram. Não lhe applaudam o bater com o pésinho no chão, o desfolhar as flores que lhe são defezas, o mexer nos objectos que devem respeitar. Bater com o pé no chão é a principio um movimento mechanico, nervoso. Com o decorrer do tempo corresponde ao movimento-uma ideia má e um mau sentimento. Então esse acto já não é mechanico simplesmente; é a manifestação da raiva, do desespero, do odio. A esta pernicioso educação é preferivel a morte. As plantas novas tomam o geito que lhes dão. Deixem crescer-as sem enleial-as, que ellas assombrarão todo o pomar.

Ora o amor é cego, e não vê nada para fóra de si.

Foi isto o que aconteceu.

A creança cresceu com a mulher. Os pais, para que outro amor lh'a não roubassem, deram de mão a todas as visitas de gente moça. As unicas relações que se conservaram foram as do voltarete: eram duas. O capitão-mór tinha cincoenta e cinco annos; tinha além d'isto rheumatismo e oculos azues. O outro parceiro era um morgado de quarenta annos, que estivera em Pariz com o pai da menina e *servira de capa* a varias escaladas. Tinha casado e parecia um homem morto. O casamento tem tanto de bom como de mau: é como os carceres. A uns presos aproveita a reclusão; outros sahem da cadeia mais desmoralisados.

Os primeiros estavam representados em X; os segundos no morgado.

Bem casados e mal casados, diz o mundo.

O amigo do fidalgo tinha *verve* e bigode: duas tentações.

Ainda sabia dar o laço da gravata: um mau symptoma.  
Fumava charuto: um perigo.

Contava das suas viagens, dizia que tal cantora, que conhecera, tinha os olhos bonitos e as unhas feias; que o nariz da Malibrán não era tão correcto como o pescoço: uma desgraça.

N'uma palavra: era entendedor.

A menina da casa, emquanto elles jogavam, estava por ali.

E o peor que podia acontecer n'aquella casa era o entendedor estar lá.

Por mais que elle quizesse dominar o seu temperamento, ser bom e digno, leal e cavalheiro, o coração, que estava comprimido nas reixas conjugaes, aproveitou a occasião e poz a cabeça fóra da grade a pedir esmola d'amor.

A inexperiente menina ouviu-o, sem saber o que fazia.

Tinham-n'a ensinado a não fugir d'aquelles dois homens: não fugiu.

## VIII

Mau é brincar com fogo: o incendio irrompe.

O amigo da casa começou a fazer reparo nas graças da menina, e achou que tinha os dentes alvissimos, os olhos formosos, os cabellos soberbos.

A menina, por sua parte, entrou de deixar-se influenciar agradavelmente pela amena eloquencia do unico homem estranho que fallava n'aquella casa.

Era elle o unico orador dos serões intimos; a unica voz que sobrepujava o fremito das cartas na mesa do voltarete.

Depois a menina lisongeava-se de que um homem, que tinha corrido o mundo, e conhecido mulheres celebres por talento e formosura, a conceituasse intelligente e gentil.

Estava-se preparando n'aquelle seroar despreoccupado a ruina de Troya.

O apartamento é um mau systema de educação. A borboleta, que não conhece o perigo da chamma, arroja-se á luz.

Era melhor tel-a avisado para que demorasse a morte quanto lhe fosse possível.

Após as amabilidades vieram os galanteios, e após os galanteios as confidencias.

A menina ouviu e acreditou.

Começou-se a dizer por fóra que a menina era amada pelo morgado.

Só não o diziam, nem ouviam, os pais da menina e a esposa do morgado.

Decorreu tempo, e a menina deixou de sahir a passeio; ao mesmo tempo o morgado deixou de ser assiduo.

A menina fez-se triste; o morgado andava preocupado.

Luctavam ambos com a resolução do mesmo problema: encobrir uma vergonha commum.

Foi n'essa epocha que o morgado teve de ir ao Porto por causa de pleitos que se ventilavam nos tribunaes.

Pediulhe a menina que a tirasse da casa paterna, antes que rebentasse o escandalo.

O morgado prometteu demorar-se apenas alguns dias no Porto, e voltar depois de recolhidas grossas quantias, cujo embolço dependia da solução do pleito, a seu vér bem encaminhado, para se passarem ambos a Hespanha.

Houve porém uma camponeza que os viu estarem-se despedindo em lugar afastado. Contou-o á noite á lareira. A revelação da camponesa espalhou-se. Chegou aos solares, e aos ouvidos da desventurosa esposa do morgado.

Pensou a infeliz senhora que poderia ainda atalhar o incendio, e mandou um portador com uma carta á mãe da menina.

Faltaram-lhe as forças para ir pessoalmente.



Chegava o mensageiro a tempo que a menina estava chorando á janella do seu quarto.

O coração, que é sempre feiticeiro, adivinhou.

O mensageiro, que trazia recommendação, não fez caso.

Sahiu-lhe a menina ao encontro. Pediu-lhe com lagrimas nos olhos e na voz que lhe entregasse a carta e fosse dizer á morgada que a havia depositado nas mãos de sua mãe.

— Veja que me perde, podendo salvar-se com uma simples mentira! Se tivesse uma filha, seria mais clemente.

O mensageiro era pae: entregou-lhe a carta.

A menina leu-a, e cuidou morrer d'afflicção e vergonha.

Dizia a morgada que as senhoras da terra,—as quaes eram amantes de varios morgados casados,—já não levantariam o olhar, se a encontrassem nos caminhos, para a amante de seu marido.

Era um modo de dizer que o escandalo tinha estronhado, e que Jesus Christo não voltaria mais ao mundo, porque nenhuma das voluntarias peccadoras se arreceiava de ser a primeira a apedrejar a peccadora incauta.

De feito, Christo ainda não voltou, nem já agora voltará, porque ainda os vendilhões da honra alheia entram ao templo da familia, e as mulheres aduleras erguem vozes e pedras contra a que resvalou para o abysmo em que ellas estão.

A menina tratou de emmassar as cartas do morgado e de metter no seio o bilhetinho que já tivemos occasião de lêr.

Esperou que fosse noite, e metteu-se a caminho.

Onde ia a pobresinha?

Procurar o morgado ao Porto.

Foi andando, andando, rasgando os pés nas burguas

das serras, rompendo a escuridão, arquejante, tímida do menor ruído, resoluta da coragem que dá o desespero, até que, cerca das onze horas da noite, cahiu extenuada ao sopé das Victoreiras.

N'este lance entronca a minha primeira carta bastante a explicar o mais que se passou.

Como se vê, o morgado não estava prevenido da fuga da menina e sob a afflicção da surpresa escrevera as ameaças da primeira carta que recebi.

A gentil desconhecida, como a principio eu lhe chamava, tornou em si depois de empregados muitos esforços para reanimal-a. Meu tio padre, chamado por mim precipitadamente, encarregou-se do piedoso encargo de recolher a menina em sua casa, e de negociar a sua entrada no convento de \*, onde se enclausurará depois que seja mãe.

O morgado, lendo casualmente no Porto uma das minhas cartas, publicadas no *Primeiro de Janeiro*, escreveu-me a impensada missiva e logo se deu pressa em partir, e em me convidar á entrevista que accitei.

Tomará conta do filho, logo que nasça, e aproveitará decerto esta tremenda lição.

Ainda agora me não parece dislate repetir a pergunta: Morta ou viva?

Viva para si mesma, e morta para o mundo.

Que desgraça!

Ah! Christo não voltará outra vez; a ter de voltar, já se haveria amerciado de tantas miserias humanas!









PQ  
9261  
P46C35

Pimentel, Alberto  
Christo não volta

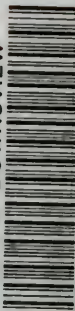
PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C  
39 11 12 22 07 018 7